

#DIFERENÇA: CLICAR, POSTAR E COMPARTILHAR

Cristiano Sant'anna de Medeiros^(*)

CRIANDO UM POST OU UM INÍCIO DE CONVERSA

Vivenciamos e somos constituídos cotidianamente pelas/com as imagens. Milhares delas, produzidas em diferentes contextos, circulam todos os dias nos vários meios de comunicação, seja nas redes sociais da internet, na televisão, no cinema, nos *outdoors*, nas revistas, nos livros, nos cartazes, em espaços públicos e nos privados, como as ruas, as escolas, as casas, entre tantos outros ambientes em que transitamos e habitamos. Criamos, publicamos, consumimos, interpretamos, comentamos, compartilhamos e apagamos/*deletamos*¹ imagens o tempo todo, em qualquer lugar. Estabelecemos múltiplas conexões através delas. Praticar imagens constitui um dos mais importantes modos pelos quais percebemos, apreendemos, apresentamos, afetamos, pensamos, narramos e tecemos o presente.

Para postar na rede social da internet o Facebook², a pergunta que aparece na “timeline” ou linha do tempo de todos os usuários da rede, é a seguinte: “No que você está pensando?”

Nesse contexto, pensamos aqui como num post da rede social e entendemos que na contemporaneidade o nosso cotidiano se constitui e é protagonizado pela produção de imagens e seus usos nas diversas redes sociais da internet. Desta maneira, clicar, postar, curtir, comentar e compartilhar faz parte do nosso dia a dia.

Para além da internet, milhares de imagens são produzidas e circulam todos os dias nos vários meios de comunicação, seja na televisão, no cinema, nos espaços públicos e privados, em nossa casa, nossa vida... Imagens estão, o tempo todo, à nossa volta. Daí me pergunto : Como (não) pensar com imagens em nossa sociedade? Como (não) compreender que elas estão e fazem parte do nosso cotidiano? Como (não) discuti-las? Como (não) usá-las? Como (não) amá-las? Como (não) produzir conhecimentos e significações com elas?

¹ Termo usado para designar a eliminação de arquivos em computadores e mídias digitais. Deletar significa, nesses meios e cada vez mais na nossa linguagem cotidiana, apagar ou jogar no lixo um texto, um vídeo, uma foto, uma mensagem de qualquer tipo.

² Facebook é uma rede social na internet lançada 2004, considerada atualmente como a maior rede social em todo o mundo, reunindo mais de um bilhão de usuários ativos. No Facebook é possível compartilhar e comentar textos, fotos e vídeos.

Os regimes de verdade que produzimos sobre nós mesmos, os outros e o mundo estão cada vez mais associados aos usos de imagens, assim como também estão associados a esses usos, os processos de subjetivação, as disputas em torno do reconhecimento e a participação política na sociedade contemporânea.

O texto que aqui que apresento se ocupa de alguns fragmentos da minha pesquisa de doutorado³, realizada entre 2014 e 2016, no Colégio Estadual Abdias Nascimento, uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio situada na cidade de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro, com objetivo de problematizar as ideias de diferença tecidas pelos estudantes com os usos que fizeram de imagens criadas e apropriadas *dentrofora*⁴ da escola. Nessa pesquisa, buscamos pensar as imagens da diferença compartilhadas, apropriadas, comentadas, ressignificadas pelos estudantes para problematizar as redes de significações urdidas e associadas ao regime das imagens.

A atividade principal da pesquisa consistiu no compartilhamento de imagens pelos estudantes, em grupos/páginas do Facebook, criadas com essa finalidade para esta pesquisa, consideradas por eles, como imagens da diferença. Esse processo, produziu rodas de conversa online e em sala de aula, protagonizando o Facebook como um dispositivo de pesquisa intervenção.

CLICANDO: UMA CULTURA DIGITAL EM REDE

A educação atual, mediada pelo uso das tecnologias nas práticas educacionais, que se entendem como “artefatos tecnoculturais” (SOARES; SANTOS, 2012) e pelas diferenças que se engendram nas mais diversas redes que convergem nos ambientes escolares, nos apresentam múltiplas faces e abre para o pesquisador, enquanto forma, e se formam novas abordagens para criar e recriar suas próprias práticas.

Os *espaçostempos* das redes sociais e digitais na internet se configuram no que vem sendo chamado de cibercultura. No diálogo com Santos, (2014, p. 20), “a cibercultura é a cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais nas esferas do ciberespaço e das cidades”. E assim:

³ Tese de doutorado defendida pelo Proped/UERJ, título: #DIFERENÇA: pensando com imagens compartilhadas dentrofora da escola, disponível em: <www.proped.pro.br> defendida em 15/02/2017.

⁴ A grafia junto de palavras/conceitos que em nossa língua são grafadas em separado visa, conforme os princípios das Pesquisas nos/dos/comos cotidianos, problematizar o modo dicotômico de pensar e narrar que se tornou hegemônico na ciência moderna.

O ciberespaço é um conjunto plural de espaços mediados por interfaces digitais, que simulam contextos do mundo físico das cidades, suas instituições, práticas individuais e coletivas já vivenciadas pelos seres humanos ao longo de sua história. Além disso, e sobretudo, instituiu e vem instituindo contextos e práticas originais e inovadoras. (SANTOS, 2014, p. 26).

Crianças e jovens fazem uso de múltiplos “artefatos tecnoculturais” como celulares e câmeras; produzem vídeos e fotografias e interagem através desses dispositivos nas redes sociais. Existe assim uma cultura da imagem difundida e vigiada pelas/nas redes sociais da internet, estabelecida por meio de compartilhamento em sites como *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, articulando processos de usos, prazer e vigilância (BRUNO, 2013).

Nesse contexto, Edméa Santos (2014) nos ajuda também a repensar a ideia de rede:

Rede aqui é entendida como todo fluxo e feixe de relações entre seres humanos, objetos técnicos e as interfaces digitais. Nessa híbrida relação, todo e qualquer signo pode ser produzido e socializado no e pelo ciberespaço, compondo assim o processo de comunicação em rede próprio do conceito de ambiente virtual de aprendizagem [...] (p. 60).

E ainda:

A noção de rede é a marca do social em nosso tempo. Rede significa que estamos engendrados por uma composição comunicativa, sociotécnica, que se atualiza a cada relação e conexão que estabelecemos em qualquer ponto dessa grande rede. Tempo e espaço ganham novos arranjos influenciando novas e diferentes sociabilidades. (p. 60).

As redes sociais da internet alargam os *espaçostempos* de aprendizagem e trazem novas maneiras de tecer conhecimentos nos cotidianos.

Nesse sentido, ainda no diálogo com Santos (2014), buscamos uma aproximação e o entendimento de redes educativas:

Redes educativas são espaços plurais de aprendizagem. Além dos espaços e lugares plurais, entendemos redes educativas também como modos de pensamento, uma vez que a construção do conhecimento é tecida em rede, a partir das aprendizagens construídas pela apropriação dos diversos artefatos culturais, tecnologias, interações sociais, entre outros. Aprendemos porque nos comunicamos, fazemos cultura e produzimos sentidos e significados. Enfim, significamos, com nossas redes intrapsicológicas, em interação constante por nossas múltiplas redes interpsicológicas, condicionadas pela cultura em suas multifacetadas relações. (p. 31).

Para pensar a relação escola-tecnologia-imagem-diferença nas redes que se cruzam e entrecruzam (ALVES, 2008), mergulhamos nos cotidianos de uma escola pública do Estado do Rio

de Janeiro, como já apresentamos, baseados na metodologia das pesquisas nos/com os cotidianos. Assim, buscamos problematizar os modos pelos quais as imagens da diferença são produzidas *dentrofora* da escola, especialmente, os modos relacionados ao consumo, à produção, ao compartilhamento e à apropriação de imagens.

Assim, os alunos da turma que foi escolhida para a pesquisa – turma do terceiro ano do Ensino médio (3001/2014) – foram convidados a postar uma imagem que, para eles, significasse a “diferença”, em grupos na rede social da internet, o *Facebook*, criados para este fim. Com essa finalidade, foi criada uma página para cada grupo nessa rede social que operou como dispositivo para a pesquisa.

Apoiamo-nos em Foucault (2012) para usar o termo “dispositivo” como uma função metodológica na nossa pesquisa.

Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (p. 364).

O autor destaca, em segundo lugar, sobre esses elementos heterogêneos: “em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes.” (FOUCAULT, 2012, p. 364).

E ainda aponta que o dispositivo tem uma função estratégica dominante como um tipo de formação e, em um dado momento histórico, como função para responder a uma urgência. E, assim, produzir “um efeito que não estava de modo algum previsto de antemão, que nada tinha a ver com a astúcia estratégica produzida por uma figura meta ou trans-histórica que o teria percebido e desejado.” (FOUCAULT, 2012, p. 365).

E, nesse conceito, complementamos com Soares (2009) citando Deleuze (2014):

Deleuze (2014), ao pensar essa noção a partir de Foucault, destaca que um dispositivo é um conjunto multilinear, uma espécie de novelo, em que há linhas de estratificação ou de sedimentação e linhas de atualização ou de criatividade, portanto linhas de fratura, todas elas movimentando-se em direções diferentes e formando processos em desequilíbrio e em devir. Os dispositivos, segundo esse autor, são máquinas de fazer ver e de fazer falar, são regimes que podem ser definidos “em função do visível e do enunciável, com suas derivações, suas transformações, suas mutações” (*apud* SOARES, 2009, p. 90).

Em um livro organizado pelas Pesquisadoras Cristiane Porto e Edméa Santos, *Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar* (2014), com temáticas ligadas ao uso dessa rede social na educação, um artigo escrito por Lúcia Amante nos ajudou a pensar sobre os usos dessa rede sociotécnica na pesquisa.

Segundo essa autora, as redes sociais na contemporaneidade ocupam um espaço privilegiado na vida, principalmente, dos jovens e estudantes.

Assim, compreender a vida social na contemporaneidade requer considerar o estudo das redes sociais online já que estas alteram profundamente nos últimos anos a forma como milhões de pessoas se comunicam e compartilham informação entre si. Neste âmbito sendo o facebook a rede mais popular (KREUTZ, 2009) e mais disseminada, impõe-se como uma fonte privilegiada de informação aos estudiosos desta área. (AMANTE, 2014, p.28).

Com mais de um bilhão e meio de usuários em todo mundo e mais de oitenta e nove milhões de usuários em todo Brasil, percebemos que a utilização dessa rede social como dispositivo de pesquisa nos facilitaria o acesso e uma aproximação maior com os estudantes da pesquisa.

A sociedade em rede surge como uma sociedade *hipersocial*, onde as tecnologias se integram no cotidiano ligando o mundo real ou virtual de tal modo que essa distinção, especialmente nos mais jovens e adolescentes a rede social é a continuação da sua vida off-line. Um e outro mundo são a mesma coisa, coexistem e fundem-se, sem qualquer distinção. (p. 40, grifo do autor).

E ainda:

As redes sociais, designadamente o facebook, têm vindo a constituir-se como um espaço alternativo, onde se fazem e reforçam amizades e que, como espaço social que são, dão igualmente lugar a processos de construção de identidade de jovens. Atualmente, estar nas redes sociais constitui uma forma de gerir a própria identidade dos jovens. Atualmente, estar nas redes sociais constitui uma forma de gerir a própria identidade, estilo de vida e relações sociais. Quando um jovem faz comentários positivos sobre os seus amigos, está a favorecer a possibilidade de também os seus amigos, fazerem comentários positivos sobre si próprio. (p. 35).

Como era de se esperar, todos os estudantes da turma pesquisada possuíam um perfil no *Facebook* e, dessa forma, poderiam compartilhar imagens e publicar seus comentários.

Ao criar um perfil no Facebook são disponibilizados campos para diferentes informações. O quadro informação básica inclui informação sobre gênero, data de nascimento, idiomas, ideologia política e crença religiosa. O campo/formação permite inserir a pertença institucional a nível profissional e a(s) instituição(es) de formação acadêmica. É ainda

possível referir o status de relacionamento, a naturalidade e a residência atual. O campo “Sobre ti” deixado em aberto, permite ao utilizador realizar uma auto-descrição. A este junta-se o campo citações preferidas e o campo relativo a contatos onde pode ser indicado apenas o endereço de e-mail, ou muitos outros dados. Há, pois, um conjunto de referências pessoais que podem ser inscritas nestes campos, permitindo traçar um perfil do utilizador mais ou menos detalhado, consoante a opção tomada por este já que estes campos não são de preenchimento obrigatório. (AMANTE, 2014, p. 30).

Dessa maneira, pensamos que a interação com os estudantes seria mais fácil, prática e até econômica. Todos poderiam postar imagens sem ter que imprimir e levar para sala de aula; poderiam fazer isso a qualquer hora, de qualquer lugar, seja na escola, em casa ou na rua, como também, poderiam escrever, compartilhando sua ideia de maneira menos formal.

Não determinamos se as imagens deveriam ser criadas por eles ou se poderiam usar imagens disponíveis em bancos de dados disponíveis em sites de busca como o “Google”; deixamos que cada um fizesse sua escolha.

Foram criados sete grupos, todos com a inicial “#diferença” seguida da identificação G1 a G7.

Nessa contingência, mergulhar com todos os sentidos nos cotidianos das redes tecidas *dentrofora* da escola é também imergir nas redes sociais, nas quais professores e alunos se relacionam, interagem e criam conhecimentos e significações.

Sendo o Facebook, por excelência um espaço de interação e comunicação, o professor pode aproveitar as muitas horas que os seus estudantes passam conectados, para utilizá-lo como um espaço de partilha de conteúdos multimídia, de vídeos, de músicas, de fragmento de filmes ou de peças de teatro, relacionados com os temas lecionados. Para, além disso, pode, também aproveitar esse tempo para promover discussão e debates sobre os assuntos tratados (MOREIRA; JANUÁRIO, 2014, p. 79).

Em nossa proposta, imersos numa cultura imagética e digital, solicitamos que cada estudante, em separado, deveria postar uma imagem que, para ele, significasse ou traduzisse uma ideia de “diferença” e, nesse sentido, também postar seu comentário, dizendo por que aquela imagem representa a “diferença”. Ou seja, porque ele escolheu aquela imagem.

Após postar a sua imagem dentro do grupo e somente para os componentes dele, cada estudante também deveria comentar a imagem do colega do grupo. De acordo com o quantitativo de estudantes por grupo, vários comentários foram postados sobre uma mesma imagem.

Efetivamente, podemos afirmar que as redes sociais, nomeadamente o Facebook, permitem, atualmente, equacionar o processo pedagógico de forma diferente. No entanto, a mudança não deve ser vista só do ponto de vista tecnológico, mas, sobretudo em termos de mentalidade e de prática. Esta realidade implica uma alteração cultural, pois obriga a repensar os papéis dos professores e dos estudantes, e a relação existente entre eles, para além das implicações a nível da planificação de cursos e currículos, sistemas de avaliação, formas de ensinar e aprender, metas a atingir. Na verdade, o papel do professor está em mudança e aproxima-se, com o apoio digital, ainda mais, dum e-moderador, ou seja, de um orientador de aprendizagens. (MOREIRA; JANUÁRIO, 2014, p. 81).

Entendemos que as redes sociais da internet estão presentes no nosso cotidiano seja por visibilidade e vigilância, como também para entretenimento e prazer (BRUNO, 2013).

Assim como celulares e suas câmeras são considerados “artefatos pedagógicos” (SOARES; SANTOS, 2012), as redes sociais da internet também têm exercido esse papel de diálogo com o fazer pedagógico de alunos e alunas no cotidiano escolar.

O conhecimento que circula em rede é para as pessoas que acessam inicialmente informações. Portanto, para transformarmos informações em conhecimentos, é preciso saber selecionar o que é pertinente para cada praticante cultural em seu contexto sócio-cognitivo e político-cultural. Não podemos ignorar que vivemos num mundo globalizado, mas com diferenças, desigualdades e singularidades (SANTOS, 2014, p. 48).

Durante esse processo de pesquisa, foram publicadas pelos estudantes nos referidos grupos do Facebook, com seus respectivos comentários, o quantitativo de 45 imagens, assim divididas por grupos.

Após a publicação das imagens e dos comentários feitos por cada estudante, partimos para a segunda etapa que foi realizada em sala de aula, mas especificamente no laboratório de Informática Educativa da escola. Promovemos um debate com todos os estudantes da turma quando, com todos reunidos, apresentamos as imagens de cada grupo, uma a uma, e os demais teceram seus comentários sobre cada imagem, sempre procurando responder o motivo pelo qual aquela determinada imagem significava ou produzia uma ideia de “diferença” pra eles.

POSTANDO: PENSANDO COM IMAGENS NA/DA SOCIEDADE DO COMPARTILHAMENTO

Postando um novo comentário, trago para o texto alguns apontamentos teóricos que nos ajudaram a pensar sobre imagens. Nesse sentido, Etienne Samain (2012), nos interroga e provoca: “Como Pensam as Imagens?”.

Esse autor não quer saber como surgiram as imagens, para que elas servem, mas ele propõe discutir como as imagens nos fazem viver e nos fazem pensar.

Assim sendo, não procurarei saber a que servem as imagens e por que existem, e sim como elas existem, como vivem, como nos fazem viver. Ou ainda, quais são suas maneiras de nos fazer pensar? E chegar desse modo, a desvendar a algo da maneira como a imagem provoca a pensar, nos convoca a pensar. (SAMAIN, 2012, p. 21).

Pensamos com imagens? Como elas nos fazem pensar? Assim, o citado autor contribui com três proposições, resumidamente:

A primeira, a mais evidente, é o fato de que toda imagem (um desenho, uma pintura, uma escultura, uma fotografia, um fotograma de cinema, uma imagem eletrônica ou infográfica) nos *oferece algo* para pensar: ora um pedaço do real para roer, ora uma faísca do *imaginário* para sonhar. [...]

Segunda possibilidade [...] que toda imagem leva consigo primeiramente algo do objeto representado. No caso da pintura, o que o pincel, ao deslizar sobre uma tela, traçou; no caso da fotografia, o que a luz se encarregou de inscrever na placa sensível. Veicula assim, uma *figura*, mas muito mais ainda. De um lado, o pensamento *daquela que produziu* a fotografia, a pintura, o desenho; de outro, o pensamento *todos aqueles que olharam* para essas figuras, todos esses espectadores que, nelas “incorporaram” seus pensamentos, suas fantasias, seus delírios e, até, suas intervenções, por vezes deliberadas.

A terceira proposição [...]. Ouso dizer que a imagem – toda imagem – é uma “forma que pensa” [...]. Com outras palavras: *independente* de nós – autores ou espectadores – toda imagem, ao *combinar nela* um conjunto de dados sógnicos (traços, cores, movimentos, vazios, relevos e outras tantas pontuações sensíveis e sensoriais), ou ao associar-se com outra(s) imagem(ns), seria “*uma forma que pensa*”. (SAMAIN, 2012, p. 22-23, grifo do autor).

Caminhamos, assim, entendendo que as imagens, as milhares que estão a nossa volta, sem dúvida, fazem com que o nosso pensamento se volte para uma reflexão acerca do mundo em que vivemos, das questões sociais, das guerras, dos preconceitos, da vida em geral, do nosso passado, do nosso presente, quiçá até do nosso futuro.

Nesse horizonte, diria que a imagem é uma “forma que pensa”, na medida em que as ideias por ela veiculadas e que ela faz nascer dentro de nós – quando as olhamos – são ideias que somente se tomaram possíveis porque ela, a imagem, participa de histórias e de memórias que a precedem, das quais se alimenta antes de renascer um dia, de reaparecer agora no meu *hic et nunc* e, provavelmente, num tempo futuro, ao (re)formular-se ainda em outras singulares direções e formas. (SAMAIN, 2012, p. 33).

Gomes (2012, p. 197) aponta que a sociedade atual, permeada pelos meios de massa, sejam tradicionais ou tecnológicos, é uma sociedade em processo de “mídiação”. O mesmo autor explica que esse conceito, ainda em construção, “rompe com as concepções instrumentais de algumas escolas teóricas e percebe a crescente autonomia do campo da mídia.” Dessa forma, ele também aponta o protagonismo das imagens nesse contexto:

Em uma sociedade em processo de mídiação, as imagens ganham cada vez mais espaço na vida dos indivíduos e grupos sociais, constituindo os imaginários e operando como vetores de sentido. O mundo midiado parece estar se (re)descobrendo em termos de imagens. Prova disso é a avalanche de fotografias, ilustrações, animações, vídeos, etc. que alcança o sujeito urbano diariamente. Desde as peças publicitárias dispostas pelas cidades, passando pelos meios de comunicação social, pela internet e até os ícones dispostos nas pequenas telas dos telefones celulares parecem apontar para uma proliferação do signo imagético. (GOMES, 2012, p. 197).

As imagens encontram-se por toda parte, potencializando seus usos de forma híbrida ou não. As imagens são trocadas, compartilhadas, mantendo-as como nas originais ou modificando-as, “roubando” de alguém, acrescentando algo a essa imagem.

Trata-se também de um problema político, na medida em que as novas mídias horizontalizam as relações e permitem que cada sujeito seja autor de sua própria comunicação, não mais reconhecendo identidades nacionais ou o Estado, mas buscando na lógica do fluxo em rede, através da conexão, sua forma de existência no mundo. (GOMES, 2012, p. 202).

No contexto da “audiovisualização das culturas”, proposto por Kilpp (2010), todas as imagens estão no mesmo patamar, pois não precisam ser pensadas de forma determinística: essa imagem é para isso, aquela imagem é para aquilo.

Por mais um outro lado observamos ser afim aos dispositivos contemporâneos do olhar a tendência a abolir quaisquer fronteiras (como de resto é assim em quaisquer dispositivos da modernidade líquida) de gênero, código imagético e produção consumo de imagens-textos, o que situa saberes, poderes e subjetividades num limiar do audiovisual a que chamamos de audiovisuais, uma perspectiva de pesquisa desconstrutiva que liquefaz – ou coloca em movimento – as antes sólidas fronteiras da pesquisa de imagens de um dispositivo e a das de outro, pesquisa essa que, assim, hospeda em seu corpus ou devires minoritários das de cada um. (KILPP, 2012, p. 225).

Esse estudo também mostra que muitas vezes que uma imagem captada para um determinado fim também pode ser usada para outros fins completamente antagônicos aos que haviam sido imaginados.

Já Bruno (2013) nos aponta que essas imagens veiculadas nas redes sociais, nesse processo de midiatização, estão numa relação de visibilidade e vigilância.

Nesse sentido, ao mesmo tempo, que as imagens pensam, elas se encontram em um campo controverso, podendo dar-nos visibilidade e status, como também podem possibilitar vigilância e até controle na sociedade contemporânea. Dessa forma, tornamo-nos

[...] vigias e vigiados, vítimas e suspeitos, segurança e insegurança, cuidado e suspeição, participação e delação, diversão e punição, inclusão e exclusão, entre outros domínios conhecidamente distintos, ampliam suas margens de contato e imbricação num contexto em que se promulga, como vantagem ou necessidade, vigilância para todos. [...] (BRUNO, 2013, p. 23).

Nesse processo de vigilância, proposto pela autora, o ciberespaço ocupa um papel preponderante, no qual ações, hábitos e relações cotidianos e, inclusive dados pessoais, vêm sendo monitorados, ou seja, vigiados.

Sites nos vigiam, câmeras nas ruas, nos elevadores, nas escolas, nos shoppings, seja para combater crimes ou para observar comportamento, como também para controlar as ações dos indivíduos através dessas imagens. Nessa perspectiva, podemos pensar que as imagens também participam dos processos de disciplinarização e normalização.

Muitas fotos são feitas e compartilhadas num processo em que usuários buscam visibilidade: um novo corte de cabelo, estar junto dos amigos, zombar do colega, mostrar seus namorados/namoradas, festas na escola, passeios e tudo o mais que confira visibilidade nas redes sociais da internet onde se engendram subjetividades investidas nos processos de ver e ser visto. Assim:

[...] dois importantes vetores do regime de visibilidade moderno, com implicações fundamentais para a subjetividade: a disciplina e o espetáculo. Esses dois vetores renovam-se hoje, envolvendo outras táticas do ver e do ser visto, com diferentes repercussões sobre a subjetividade tanto nos circuitos de controle e segurança quanto nos circuitos de prazer e entretenimento. (BRUNO, 2013, p. 53).

O mostrar-se se torna, cada vez mais, usual e necessário na contemporaneidade.

Sites de compartilhamento e redes sociais de diferentes tipos se somam a esse ambiente nos últimos anos, diversificando a sua paisagem, sobretudo na internet, envolvendo uma série de outras práticas que se adicionam à exposição da intimidade: sociabilidade, jornalismo, política, ativismo, comércio, trabalho, educação, pesquisa, marketing etc. (BRUNO, 2013, p. 55).

E ainda:

Mas este novo campo de visibilidade do indivíduo comum coincide não apenas com uma forma particular de espetáculo, como também com uma produção diferenciada de subjetividade. Se os dispositivos de visibilidade modernos escavavam uma subjetividade interiorizada que, a partir do olhar do outro, instaurava a autovigilância, hoje parece estar se constituindo uma subjetividade exteriorizada, em que as esferas de cuidado e controle de si se fazem na exposição pública, no alcance do olhar, escrutínio ou conhecimento do outro. O decisivo aqui é compreender essa subjetividade que se modula como exterioridade, no movimento mesmo de se fazer visível ao outro. (BRUNO, 2013, p. 67-68).

Clicar e ser clicados, vigiar e ser vigiados, curtir e ser curtidos, compartilhar e ser compartilhados evidencia-nos nas diferentes redes existentes que tornamos parte e, desta forma, produzindo um movimento de interação, visibilidade e vigilância (BRUNO, 2013).

Assim, a sociedade em rede e a tecnologia que lhe está associada, não constitui uma força independente, que destrói tudo que dantes tinha um toque humano, na visão dos intelectuais tradicionais, ou algo que, na visão oposta, tudo melhora, associando a tecnologia à criatividade e realização plena do ser humano. (AMANTE, 2014, p. 27).

Entendemos assim, que a era da tecnologia e da comunicação, da qual fazemos parte na contemporaneidade, também poderia ser denominada de “era do compartilhamento”, conceito este enunciado na referida pesquisa de tese. Milhares de Imagens são criadas, cocriadas, inventadas, aproveitadas e compartilhadas nas redes sociais da Internet. Desta maneira, podemos voltar a dizer que vivemos e vivenciamos em rede.

Na verdade, considerar a estrutura social atual implica o reconhecimento das redes e processos sociais complexos, dada a sua natureza dinâmica, aberta, complexa e constante

reestruturação e inovação. [...] Ou seja, cada indivíduo vai operando sociabilidades diferenciadas ao conectar-se/desconectar-se de diversas redes (grupos) sociais, reformulando, deste modo, as suas vivências em várias esferas da vida. (MOREIRA; JANUÁRIO, 2014, p. 72).

Nessas redes sociotécnicas instituídas na sociedade, a qual denominamos de “sociedade do compartilhamento”, a fotografia ocupa um espaço preponderante, juntamente com as diversas imagens que são criadas e recriadas, seja através de máquinas fotográficas digitais ou, cada vez mais, com o uso de smartphones ou *tablets*.

O conceito de “sociedade do compartilhamento” se ratifica, quando entendemos que, na nossa contemporaneidade, a potência que ocupa, cada vez mais, praticar textos e imagens, conhecimentos e processos de significação e, com isso, implica em compartilhar, progressivamente, o que é visto, produzido, postado, armazenado e comentado.

Compartilhamos, a todo momento, nas redes sociais da internet imagens, sejam fotografias ou quaisquer outras, notícias cotidianas e globais, desabafos pessoais, atitudes políticas, protestos e reivindicações.

Assim, na “sociedade do compartilhamento”, as redes sociais da internet, tais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *YouTube*, *WhatsApp*, operam ocupando um papel de grande relevância nas relações que são tecidas na nossa contemporaneidade; imagens, pensamentos, opiniões, as mais diversas existentes, são publicadas, curtidas, comentadas e compartilhadas.

COMPARTILHANDO UMA CONCLUSÃO

No transcurso da nossa pesquisa, as imagens acompanhadas de suas narrativas/opiniões de cada estudante, postadas em grupos da rede social da internet, o Facebook, que operou como um dispositivo de pesquisa e intervenção, o nosso #diferença, nos deram pistas para pensarmos nos múltiplos atravessamentos bricolados entre imagens e ideias de diferença nas redes educativas como *espaçostempos* de discussão.

Ressaltamos que, quer seja na escola, na própria sala de aula ou nas redes sociais da internet, esses *espaçostempos* operaram como espaços de discussão, de problematização e de provocação.

Entendemos que na “sociedade do compartilhamento”, as redes sociais da internet vêm ocupando um papel protagonista nas relações que são urdidas na nossa contemporaneidade; imagens, pensamentos e opiniões, as mais diversas existentes, são publicadas, curtidas, comentadas

e compartilhadas e nesse processo das redes que se entrecruzam e se engendram nos processos formativos da educação.

Pensamos que, em *espaçotempos* de discussão e problematização, podemos apresentar coisas que choquem, que se desorganizem, quebrem o fluxo atual, pois, em outros *espaçotempos* curriculares experimentados por estes e outros tantos estudantes, nenhuma imagem pode operar como modo de pensamento, questionamento e estranhamento. Entendemos que não há aprendizagem sem incômodo e sem deslocamento.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês B. (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. 3. ed. Petrópolis, RJ: DP ET Alii, 2008. p. 15-38.
- AMANTE, Lúcia. Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. (Orgs.). **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p. 27-46.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GOMES, Marcelo. Imagens midiaticizadas: comunicando a si mesmas. In: MONTAÑO, Sonia; FISCHER, Gustavo; KILPP, Suzana. (Orgs.). **Impacto das novas mídias no estatuto da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 197-204.
- KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo – uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- KERR, Michael Abrantes. Em busca de uma ecologia da imagem-fantasma. In: MONTAÑO, Sonia; FISCHER, Gustavo; KILPP, Suzana. (Orgs.). **Impacto das novas mídias no estatuto da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 49-56.
- KILPP, Suzana. Imagens conectivas da Cultura. In: ROCHA, Alexandre; KILPP, Suzana; ROSÁRIO, Nisia. (Orgs.). **Audiovisualidades da Cultura**. Porto Alegre: Entremeios, 2010.
- _____. Dispersão convergência: apontamentos para a pesquisa de audiovisualidades. In: MONTAÑO, Sonia; FISCHER, Gustavo; KILPP, Suzana. (Orgs.). **Impacto das novas mídias no estatuto da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 223-38.
- MÉDOLA, Ana Sílvia; ARAUJO, Denize; BRUNO, Fernanda. (Orgs.). **Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MOREIRA, José Antônio; JANUÁRIO, Susana. Redes sociais e educação: reflexão acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. (Orgs.). **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2014. p. 67-84.
- PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. (Orgs.). **Facebook e Educação – Publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2014.
- SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. São Paulo: Unicamp, 2012.
- SANTOS, Edméa. **Pesquisa Formação na Cibercultura**. Portugal: Whitebooks, 2014.
- SOARES, Conceição, SANTOS, Edméa. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. In: ALVES, Nilda, LIBÁNEO, José Carlos. (Orgs.). **Temas de Pedagogia diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

RESUMO

Esse artigo, partindo das premissas dos estudos nos/dos/com os cotidianos, entrelaçado com as redes sociais da internet, apresenta uma pesquisa de doutorado, que teve como objetivo pensar com imagens compartilhadas por estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, as noções de diferença tecidas com essa prática em suas articulações com as narrativas que engendraram. As imagens foram compartilhadas na rede social da internet Facebook, em grupos criados para este fim, denominados #Diferença e que operaram como dispositivo de pesquisa num contexto que enunciamos como "sociedade do compartilhamento". As imagens, acompanhadas de suas narrativas/análises, nos deram pistas para pensar nos múltiplos atravessamentos e bricolagens entre imagens e ideias de diferença que são criadas e circulam nas múltiplas redes educativas, proporcionando assim diferentes espaços de debate e aprendizagem.

Palavras-chave: Imagens. Facebook. Sociedade do compartilhamento.

DIFFERENCE: CLICK, POST AND SHARE**ABSTRACT**

This article, based on the assumptions of the daily / in / everyday studies, interlaced with the social networks of the internet, presents a doctoral research, whose objective was to think with images shared by students of the third year of High School, the notions of differences woven with this practice in their articulations with the narratives they engendered. The images were shared in the social network of the Internet Facebook, in groups created for this purpose, denominated # Difference and that operated like device of research in a context that we pronounce like "society of the sharing". The images, along with their narratives / analyzes, gave us clues to think of the multiple crossings and bricolages between images and ideas of difference that are created and circulated in the multiple educational networks, thus providing different spaces of debate and learning.

Keywords: Images. Facebook. Sharing society.

DIFERENCIA: CLIC, POSTAR Y COMPARTIR**RESUMEN**

Este artículo, partiendo de las premisas de los estudios en los / los / los cotidianos, entrelazado con las redes sociales de Internet, presenta una investigación de doctorado, que tuvo como objetivo pensar con imágenes compartidas por estudiantes del tercer año de la Enseñanza Media, las nociones de la diferencia tecida con esa práctica en sus articulaciones con las narrativas que engendraron. Las imágenes fueron compartidas en la red social de Internet Facebook, en grupos creados para este fin, denominados # Diferencia y que operaron como dispositivo de investigación en un contexto que enunciamos como "sociedad del compartir". Las imágenes, acompañadas de sus narrativas / análisis, nos dieron pistas para pensar en los múltiples atravessamientos y bricolajes entre imágenes e ideas de diferencia que se crean y circulan en las múltiples redes educativas, proporcionando así diferentes espacios de debate y aprendizaje.

Palabras clave: Imágenes. Facebook. Sociedad del compartir.

*Submetido em: 10 de maio de 2018
Aprovado em: 10 de janeiro de 2019*